

Festa dos aposentados dia 19

A distribuição de convites para a festa anual dos aposentados e pensionistas do Sindipetro-RJ começa na próxima terça-feira (10), às 10h. A Secretaria de Aposentados distribuirá 500 convites, sendo no máximo dois por associado. A comemoração será na quarta-feira (19), a partir de 18h, na Associação dos Em-

pregados do Comércio, no Centro de Rio. Este ano, o tema da festa será a luta pelo fim das discriminações no Acordo Coletivo de Trabalho. O Dia Nacional dos Aposentados, 24 de janeiro, foi instituído pela Lei 6.926/ 81. A data foi escolhida porque, neste dia, em 1923, aconteceu a assinatura da Lei Eloy Chaves, que

criou a caixa de aposentadorias e pensões para os empregados das empresas privadas das estradas de ferro. Foi um marco no processo de criação da Previdência Social, que até aquele momento atendia apenas aos funcionários do governo federal. Dia 24 de janeiro também é o Dia da Previdência Social.



A defesa do petróleo brasileiro no FSM

Debates e materiais no evento que reúne milhares de formadores de opinião todos os anos

O Sindipetro-RJ e a Campanha *O Petróleo Tem Que Ser Nosso* estarão presentes no Fórum Mundial que acontece de 24 a 29 de janeiro em Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo e Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. As entidades vão promover debates sobre a importância da

defesa do petróleo brasileiro e divulgar os objetivos da campanha em diversos materiais: jornal em três línguas, cópias das animações, cordéis, camisetas e panfletos, entre outros. O Sindipetro-RJ vai levar um ônibus com representantes de várias entidades sociais que participam

da campanha. Os petroleiros militantes desta causa que estiverem interessados em participar podem procurar o diretor José Maria na sede do Sindipetro-RJ até o dia 10 de janeiro.

O tema central dos debates do Fórum de 2012 é a crise capitalista e os caminhos

para a justiça social e ambiental. Será um espaço importante para a formulação de propostas para a Cúpula dos Povos, que acontece em junho de 2012 no Rio de Janeiro, paralelo à reunião de cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20.

Escolha sua AGENDA



Os associados do Sindipetro-RJ ainda podem pegar sua agenda na sede do sindicato. Após a distribuição direta nas unidades realizada na última semana de 2011, ainda há exemplares dos três modelos, em tamanhos diferentes. Escolha o seu na recepção da entidade, na avenida Passos, 34, Centro, Rio de Janeiro. Basta levar sua carteira de associado ou se sindicalizar na hora.

Eleições Aepet: Sindipetro-RJ apóia a CHAPA 2

Debate entre as chapas nesta quinta, dia 5, 18h, na TV Petroleira

Duas chapas estão concorrendo nas eleições para a diretoria da Aepet (Associação dos Engenheiros da Petrobrás), na gestão 2012/2014. Ambas têm representantes da atual diretoria e nomes novos.

O Sindipetro-RJ indica a votação na chapa 2 "Viva a Aepet", e promove um debate hoje, quinta-feira (5), às 18h, na sede da TV Petroleira, na avenida Presidente Vargas, 502, 7º andar, sobre a eleição. Caso alguma das chapas não compareça, o debate se transformará em entrevista com a chapa presente. A TV pode ser acessada pelo endereço <http://www.tvpetroleira.tv/>

O período de votação vai até às 12 horas de sexta-feira (13) e a apuração será iniciada em seguida pela Comissão Eleitoral. O associado que desejar, ou que não tiver recebido a correspondência para votação pelo correio, poderá votar na sede da Aepet na avenida Nilo Peçanha, 50, Centro do Rio.

A chapa 1 "Pelo corpo técnico e pela Petrobrás" tem como candidato à presidência Pedro da Cunha Carvalho e Heitor Coutinho, na vice-presidência. Pela chapa 2 "Viva Aepet" concorrem Silvio Sinedino Pinheiro à presidência, e Fernando Leite Siqueira, como vice.

O combate à terceirização na Petrobrás, que já chega a 300 mil trabalhadores; a luta pela Petros e pelo Plano Petros BD para todos; o prosseguimento das ações judiciais contra o Acordo de Obrigações Recíprocas e a repactuação; a luta contra as fraudes salariais que achatam os salários dos ativos, aposentados e pensionistas; a manutenção e melhorias na AMS; o fim do assédio moral e aumentar a representatividade da Aepet com filiação de novos sócios, são alguns pontos da plataforma da chapa 2.

O fim dos leilões do petróleo e a luta pela soberania nacional também estão entre as prioridades da chapa 2, que pretende prosseguir na campanha de esclarecimento ao povo brasileiro sobre a necessidade de participação na defesa do pré-sal. Nos últimos 12 meses a Aepet realizou mais de 100 palestras pelo Brasil, incluindo instituições militares, congressos de engenheiros, partidos políticos, audiências públicas no Senado e na Câmara dos Deputados, instituições maçônicas, assembleias legislativas e universidades. Entre os componentes da chapa, cerca de dez são ativos participantes da campanha *O Petróleo Tem Que Ser Nosso*.

Chevron não paga multas e continua a operar no Brasil

A Chevron, que deveria estar com todas as suas atividades suspensas no território nacional, conforme determinou a Agência Nacional do Petróleo dia 23 de novembro, continua sua produção normalmente, com exceção à perfuração de petróleo do poço MUP1, no campo de Frade. A empresa contestou judicialmente todas as multas aplicadas até agora.

Ainda que pagassem, os valores das multas são irrisórios e não pesam nas finanças da multinacional, que é a segunda empresa mais lucrativa do mundo

com lucro de US\$ 7,8 bilhões no terceiro trimestre de 2011, perdendo apenas para a Exxon Móbil, com US\$ 10,3 bilhões. A Chevron pode ter que pagar, no máximo, um total de R\$ 300 milhões em multas. Segundo cálculos de Américo Gomes, do Instituto José Luis e Rosa Sundermann estes R\$ 300 milhões representariam apenas 100 minutos do faturamento anual da empresa.

Em 29 de dezembro, a Agência Nacional do Petróleo autuou a Chevron pela terceira vez, por não ter adotado medidas

para a conservação dos reservatórios do poço 9-FR-50DP-RJS no campo de Frade. A primeira autuação feita à Chevron, em razão do vazamento, foi por descumprir o Plano de Abandono do Poço e por não possuir equipamento necessário para isso, e a segunda, por omitir informações à ANP ao entregar imagens editadas das filmagens feitas por veículo remoto nos pontos de vazamento. Cada uma das três multas pode chegar a valer R\$ 50 milhões.

Além da ANP, o Instituto de Meio Ambiente (Ibama) também aplicou nova

multa à Chevron, em 23 de dezembro, no valor de 10 milhões de reais, por falhas no plano de emergência durante o vazamento de petróleo, descumprindo condições previstas da licença ambiental concedida. De acordo com o instituto, faltaram equipamentos nas embarcações de emergência. A primeira multa administrativa aplicada pelo Ibama, em 21 de novembro, no valor de 50 milhões de reais, pelos danos ambientais causados pelo derramamento de cerca de 3 mil barris de óleo no campo do Frade.



Desconto assistencial e a campanha O Petróleo Tem que Ser Nosso!

Sem dúvida, uma das principais lutas que o Sindipetro-RJ constrói é a campanha "O Petróleo Tem que Ser Nosso!" Nesse movimento defendemos a Petrobrás 100% estatal e pública, a volta do monopólio estatal do petróleo e o fim dos leilões.

Essas são algumas das bandeiras do projeto de lei 531/09, que tramita no Senado Federal. São signatários dessa lei FUP, FNP, Aepet, Sindipetro-RJ e os demais sindicatos de petroleiros. Também endossam esse projeto diversos partidos políticos, como PT, PDT, PSol, PCB, PCdoB, PSTU, várias centrais sindicais, como CUT, Conlutas, CTB e Inter-sindical, e muitos movimentos sociais como UNE, MST, MTD, MAB etc.

Apesar do apoio dos partidos políticos, centrais sindicais, sindicatos e do movimentos sociais, poucos empunham a bandeira da campanha com a firmeza necessária. O Sindipetro-RJ prioriza essa campanha e se dedica para conquistar mais aliados efetivos para o mo-

vimento contra a privatização do petróleo brasileiro. Em todo espaço e em cada oportunidade que encontramos, lá está nosso sindicato travando a luta em defesa da apropriação popular do nosso ouro negro.

Prova disso é que agora em janeiro vamos levar a luta do petróleo para o Fórum Social Mundial Temático que vai acontecer em Porto Alegre. O evento que nasceu no Rio Grande do Sul surgiu em contraposição ao Fórum Econômico Mundial de Davos. O Fórum realizado na Suíça reúne as grandes potências capitalistas para discutir a economia global e fechar acordos internacionais, que estão sempre distantes dos anseios populares. O já tradicional FSM reúne dezenas de milhares de atividades sociais para trocar idéias e apontar alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

O Sindipetro-RJ vai levar para o Fórum mais de uma dezena de diretores, dois jornalistas, a nossa TV Web, a peça teatral do petróleo, um ônibus com apoiadores de

nossa campanha, além das nossas cartilhas, do cordel e das animações da campanha. Ainda está em produção um jornal com 20 mil cópias para distribuir ao público presente. Para alcançar inclusive os militantes estrangeiros, essa publicação virá também nas versões em inglês e espanhol.

Estamos organizando junto ao FSM debates exclusivos sobre o petróleo e construindo a participação em outras mesas temáticas. E daí, o que a categoria tem a ver com isso? Tudo. A nossa luta é para garantir que todo petróleo seja propriedade dos brasileiros e usado para pagar a dívida social, principalmente com os mais pobres.

O governo brasileiro e a direção da Petrobrás caminham na contramão dos interesses de nosso povo. Querem transformar nosso país num grande exportador de petróleo. Vamos abastecer os EUA e os europeus com nosso petróleo e nosso país vai continuar a ser o país do futuro. Para enfraquecer nossa campanha, a companhia estimula as cartilhas com a negativa do desconto

assistencial. Como diz o ditado popular "se fazem de morto para enterrar o coeiro!"

Todo ano as gerências distribuem formulário sem explicar para que é o desconto. No texto dessas cartas, vem apenas a pergunta: "Se você concorda ou não com o desconto". O desconto é de 0,5% do salário básico dos petroleiros ativos e de uma única vez. A categoria petroleira tem que ser a guardiã de nosso petróleo e da Petrobrás 100% pública e estatal. Assim como executamos o preceito constitucional de produzir e abastecer todo o território nacional de derivados de petróleo. Resultado também da nossa força de trabalho são os sucessivos recordes de produção e lucros.

Além disso, desenvolvemos tecnologia inédita no mundo que propiciou a descoberta do pré-sal. Temos que garantir que todo petróleo seja do povo brasileiro! E com isso contribuir para o futuro de nossos filhos e para uma sociedade mais justa e fraterna.

"O poder financeiro está derrotando o poder político"

Ignacio Ramonet e Pascual Serrano falam no Brasil sobre a crise do neoliberalismo

A crise na Europa, a política na América Latina, as recentes manifestações populares espalhadas pelo mundo e o papel da comunicação na atualidade foram temas de debate com Ignacio Ramonet e Pascual Serrano. Eles, intelectuais que se dedicam ao estudo da comunicação e dos impactos da concentração dos meios de comunicação na sociedade, estiveram recentemente no Brasil. Os jornalistas participaram de uma atividade realizada no marco das comemorações dos 80 anos do Sindicato dos Engenheiros do Estado do Rio de Janeiro (Senge- RJ).

Para Ramonet, diretor do jornal francês Le Monde Diplomatique, em meio à crise na Europa, é importante localizar os pilares da globalização neoliberal: o poder financeiro e os grandes grupos industriais. E explica que uma análise da atualidade não pode deixar de incluir o papel da mídia. "Os principais atores da globalização não poderiam conseguir a adesão das populações à lógica neoliberal sem a aliança com os que monopolizam a comunicação. Os meios não só são ideológicos, como também são grandes grupos empresariais, são aparatos da globalização", afirma.

Ramonet aponta incertezas sobre os próximos anos na Europa. "No momento desta crise, não sabemos se a União Européia vai se manter. E se a moeda, o Euro, vai se manter. O que sabemos é que a classe política não tem suficiente vontade para resistir aos mercados. Esta é uma enorme revelação para as sociedades européias. Diante dos olhos dos europeus, o poder financeiro está derrotando o poder político", disse.

Ele destaca que, a partir de uma união entre social-democratas, conservadores e a extrema direita, a crise hoje permite "golpes financeiros". Isto significa que os governos eleitos estão sendo retirados do poder, sendo substituídos, na ausência de eleições, por "puros técnicos econômicos" com políticas de austeridade. "Estamos de acordo que podemos criticar o governo Berlusconi [Silvio], mas ele foi bem eleito na Itália", aponta. Outro país, segundo ele, que teve o "mesmo destino", foi a Grécia.

Diante deste quadro, o jornalista se questiona se este é o atual "pensamento oficial" da globalização. "O capital dizia que a democracia é uma solução. Mas, em situação bastante dramática, assume agora diretamente o poder. Então, o que se chamava de democracia era, na verdade, um biombo, uma máscara para dissimular a ação do poder financeiro", analisa.

MÍDIA MONOPOLIZADA: BRAÇO FORTE DE UMA FALSA DEMOCRÁCIA - Para Pascual Serrano, um dos fundadores do site de notícias Rebelión, de todos os setores, o de comunicação é o mais conservador. "A mídia é um agente político da direita.



Os jornalistas participaram de palestras no Senge e Clube de Engenharia

Os meios já não são um poder diferente da economia, fazem parte dela. Não são grandes empresas de comunicação. São grandes empresas que têm departamentos de comunicação. Bancos, por exemplo, que possuem jornais", relata.

Já Ramonet explicou que a mídia não pode mais ser designada o quarto poder, que teria de fiscalizar e combater o abuso dos outros três: Legislativo, Executivo e Judiciário. "Este quarto poder não está funcionando e a democracia entra em risco. A mídia não é mais um contra-poder, mas sim um poder que contribui para a alienação. Os grandes meios são cúmplices dos poderes dominantes", reforça.

Para ele, a situação européia é muito pior que o que a que o mundo conheceu com a crise econômica de 29. "Hoje estamos com um controle tecnocrático. Mas, amanhã, é possível que o poder financeiro tenha que recorrer a um tecnocrata da repressão, a um general. Haverá golpes de estado militares na Europa? Parece impensável, mas não é. Estamos em um momento absolutamente delicado", aponta. Sobre isso, Serrano pondera: "Nos países europeus, as pessoas têm interiorizada a perda de direitos sociais, mas não a perda de liberdades. Elas sabem que estão perdendo o direito ao trabalho, à moradia, à comida. Porém, não entenderiam a perda do direito a se manifestar ou, até mesmo, ao voto. Duvido que o fascismo, no sentido clássico, seja aceito pelos cidadãos europeus".

NOVAS MÍDIAS, NOVOS PROTESTOS PELO MUNDO - Os protestos que começaram no marco do dia 15 de outubro, quando os "Indignados" de todo o mundo começaram a sair às ruas, também mereceram a atenção dos estudiosos. Ramonet entende estes movimentos como um sintoma, como a expressão de uma insatisfação. "Porém, ninguém pode saber até onde vai essa combatividade. E até onde vai também a repressão a essa combatividade", ressalta.

Ainda que veja as novas manifestações como o início de um retorno da busca por soluções coletivas em sociedade, Serrano coloca limites nas ações no movimento. "O pensamento geral na Europa era de que

cada um teria que resolver a vida individualmente. Havíamos perdido um princípio fundamental da esquerda: o de nos salvarmos juntos. Os "Indignados" fizeram um convite à cidadania. Se dão conta de que não têm trabalho, de que faltam moradias, de que não têm dinheiro. E provocam uma reação instintiva. Protestam, dizem que querem democracia. E o que mais? Não sabem mais. E não sabem por que não estão organizados e dizem não às bandeiras, não aos sindicatos, não aos partidos, o que reflete ainda um pensamento neoliberal. Mas é melhor que estejam nas ruas. Antes nem se cogitava estabelecer uma comunicação e agora eles o fazem", opina.

Ramonet destaca que, no geral, os grandes meios de comunicação na Europa não têm combatido os "Indignados" por terem muito apelo popular. Mas, mesmo assim, diz que a mídia hegemônica segue os colocados em uma bolha. "As ações menos politizadas merecem mais destaque. Se os movimentos propõem um referendo sobre os bancos, isso não aparece, o que os coloca em um congelamento ideológico. Quando falam da crise, os grandes meios não contam a origem dela. E, sobretudo, o que é muito importante: não apresentam propostas econômicas alternativas. Os ouvidos hoje são os mesmos que há cinco ou sete anos diziam que não ocorreria a crise. Os analistas de esquerda seguem silenciados", problematiza.

As conexões dos "Indignados" em atos públicos e ocupações foram fortalecidas pelo contato via Internet, vista pelo movimento como um instrumento de luta. Sobre isso, Serrano reconhece os avanços da rede, mas se diz preocupado com um "possível fascínio" pelas novas ferramentas que leve ao pensamento de que seria possível "fazer sombra aos oligopólios de mídia" sem a construção de políticas públicas para o setor. Para ele, a internet é muito mais democrática, mas sozinha não funciona, afirmando que a quebra dos oligopólios da mídia só será possível por meio da ação política de governos progressistas.

AMÉRICA LATINA: CONTINENTE DE AVANÇOS DA ESQUERDA - "A América Latina é uma referência. É a área geopolítica mais progressista do mundo", frisou Ra-

monet citando governos como o do Equador, Bolívia, Venezuela, entre outros, inclusive o Brasil. Serrano acrescenta que a importância da comunicação na transformação da sociedade ficou ainda mais em evidência quando propostas de esquerda destes governos, em especial às relacionadas à democratização dos meios, são combatidas pelos grandes conglomerados de mídia.

Com a ausência do direito à comunicação na sociedade, que se refere também à apropriação direta dos meios pelas populações, por meios de jornais, rádios e televisões comunitárias, por exemplo, Serrano faz um paralelo: "As ditaduras impediam que a esquerda pudesse se relacionar com a sociedade. Hoje os grandes empórios da comunicação bloqueiam organizações e sindicatos de esquerda. As ditaduras impediam a participação das pessoas na vida política dos países. Hoje o acesso aos meios de comunicação também é impedido. É uma comparação chocante, mas realmente acredito que os grandes meios estão cumprindo o papel tradicional que, no passado, era o das ditaduras militares no continente".

Porém, ao destacarem um "bloco progressista", os comunicadores foram questionados sobre a política de desenvolvimento defendida no Brasil. O governo da presidenta Dilma Rousseff tem priorizado a construção de mega-projetos como a usina de Belo Monte, apenas uma das hidrelétricas previstas para os rios da Amazônia. Em risco, os povos indígenas. E não só os do país. Na Bolívia, indígenas marcharam durante 65 dias por diversos municípios até chegarem a La Paz. Depois desta resistência, conseguiram impedir que o governo de Evo Morales construísse uma estrada no Território Indígena e Parque Nacional Isidoro Sécure (Tipnis). Os dois empreendimentos, além de afetarem o meio ambiente e desrespeitarem os direitos de povos tradicionais, têm outro ponto em comum: receberam financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Ramonet admite que existe uma dificuldade dos governos do "bloco de esquerda" em lidar com os levantamentos indígenas, o que cria "momentos politicamente complicados". E explica que esta situação é histórica: "Ao longo dos anos, toda a resistência à lógica neoliberal sempre foi feita por camponeses e indígenas. Não foram dos movimentos de esquerda da cidade. Certamente houve greves obreiras, mas nada perto da dimensão da luta de camponeses e indígenas. Ou seja, de maneira mais concreta, suas formas de viver foram as mais afetadas pela globalização".

"Os indígenas resistem mais ao neoliberalismo porque assistiram menos à televisão. É uma brincadeira, mas tem um fundo que é sério: eles têm anticorpos", completa Serrano. Sobre a contradição dos governos, opina: "O que acontece é o que, inevitavelmente, acontece com todos os governos de esquerda: não vão ser perfeitos. Temos que tentar a combinação: conturbá-los e, ao mesmo tempo, empurrá-los mais à esquerda. Eu creio que os governos progressistas da América Latina estão indo até onde se pode pressionar. E eles só chegaram até aqui por causa da pressão dos povos".

O Boletim Surgente ainda não incorporou as novas regras ortográficas.